

5

A prática dialógica - argumentativa nas aulas de educação socioambiental

Renata Alves de Brito e Gilvaneide Ferreira de Oliveira

Resumo

Este trabalho apresenta resultados referentes à investigação da existência da prática dialógica argumentativa durante as aulas de Educação Ambiental. Trata-se de uma pesquisa exploratória, realizada numa escola pública, da rede municipal na cidade de São Lourenço da Mata, PE, tendo como sujeito desta investigação, uma educadora e sua turma do Ensino Fundamental I. Os dados foram coletados através da videogravação e posteriormente a transcrição, observação e diário de campo. Os resultados nos indica certo desconforto e despreparo na condução na mediação do diálogo argumentativo, além do desconhecimento da educadora com a temática da Educação Ambiental. Esses resultados nos mostram a necessidade de formação continuada, a fim de que os professores/as possam conhecer novas estratégias didáticas a serem introduzidas em prática didático-pedagógica, possibilitando assim uma reflexão crítica de suas ações na sala de aula, bem como, a inserção do diálogo argumentativo neste espaço.

Palavras-chave: diálogo argumentativo, prática pedagógica, Educação Ambiental, formação docente.

Abstract

This paper presents results concerning the investigation of the existence of argumentative dialogical practice during class Environmental Education. This is an exploratory study, conducted in a public school, the municipal network in São Lourenço da Mata, PE, with the subject of this investigation, a governess and her class of elementary school I. Data were collected through video recording and later transcription, observation and field diary. The results indicate the discomfort and lack of preparation in conducting the mediation of argumentative dialogue, beyond the lack of educator with the theme of environmental education. These results show the need for continued education so that teachers / can meet the new teaching strategies to be introduced in didactic-pedagogic practice, thereby providing a critical reflection of their actions in the classroom, as well as the insertion the argumentative dialogue in this space.

Keywords: argumentative dialogue, pedagogical practice, Environmental Education, teacher training.

INTRODUÇÃO

Em diversas atividades sociais podemos encontramos o uso da argumentação. Antes mesmo da expressão verbal pela criança, podemos observar que a argumentação

“aparecem em forma de gestos e movimentos corporais executados pela criança e interpretados como tais por seus parceiros de interação” (ALMEIDA; LEITÃO, 2010, p. 21), o que se denomina de protoargumentação. Quando a linguagem verbal aparece mais forte, os argumentos são expressos para convencer sobre as escolhas, expressar as insatisfações, descontentamentos, para mostrar as opiniões podendo convergir ou divergir, totalmente ou parcialmente, revelando assim o potencial do processo do desenvolvimento cognitivo. E na fase adulta, temos a autoargumentação, que segundo Castro e Leitão (2011), o sujeito ao elaborar um argumento, em relação ao que ele está defendendo, ele mesmo antecipa e responde os possíveis contra-argumentos, e as dúvidas, sinalizando assim o desenvolvimento do pensamento reflexivo desse sujeito.

Isso nos mostra a necessidade ao estímulo de práticas dialógicas alicerçadas por argumentos sólidos, onde a partir da apresentação de ponto de vista, negociações e justificativas, possa favorecer ao desenvolvimento cognitivo, revelando assim a partir de uma consciência crítica, capaz de desencadear ações sustentáveis no contexto o qual está inserido, a fim de alcançar possível transformação social, histórica, política, cultural, econômica, dentre outras, para poder então alcançar mudanças significativas no meio ambiente em que está inserido, o qual seus recursos se encontram em estado de alarme. Para isso se faz necessário desde cedo, a introdução e fomentação do diálogo com argumentos, afim de que se desenvolva a habilidade de argumentar promovendo assim o desenvolvimento da reflexão crítica dentro do contexto socioambiental.

Nesse exercício de atribuir significado a realidade adentramos no cenário da Educação Ambiental (EA), com a difícil tarefa de reverter o pensamento ainda corrente, com o intuito de ensinar às atuais e próximas gerações a necessidade urgente da conservação do meio ambiente, pois é um processo contínuo de aprendizagem voltado para a melhoria da qualidade de vida, onde se aprende a lidar com o meio ambiente respeitando-o e também a si próprio. De acordo com Dias (2003), a EA pretende desenvolver o conhecimento, a compreensão, as habilidades e a motivação do homem para adquirir valores, mentalidades e atitudes necessárias para lidar com questões e problemas de ordens ambientais e encontrar soluções sustentáveis, os quais vêm sendo posto como desafios aos sujeitos inseridos no contexto socioambiental, em meio aos avanços tecnológicos, o qual é deve buscar caminhos alternativos para a mudança significativa do meio ambiente que está em constante processo de degradação.

Com a finalidade de promover a sensibilização para a conscientização dos sujeitos dentro do contexto socioambiental, é através da EA que podemos garantir a

sobrevivência do planeta para as futuras gerações, principalmente a conservação dos recursos naturais, que cada vez mais estão sendo utilizados de forma incorreta. Diante disso o papel do educador (a) é de suma relevância, para a efetivação da EA, a fim de promover mudanças que inicialmente devem atingir o campo cognitivo, e levar o sujeito a uma reflexão crítica de suas atitudes, para que posteriormente possa pensar e planejar ações sustentáveis a ser aplicadas, primeiro no ambiente micro do qual faz parte, para que em seguida possa atingir o ambiente macro, a fim de contribuir para uma perpetuação dos espaços ambientais e das relações entre os seres que habitam nos diversos tipos de ambientes que encontramos no Planeta Terra.

O diálogo argumentativo insere-se no tocante ao favorecimento de uma reflexão crítica, no ambiente escolar, proposto por parte do educador (a) em relação a sua prática didático-pedagógica, que a partir da divergência levantadas pelos (as) educandos (as) pode leva-lo a refletir criticamente sobre sua prática, instigando a (re)avalia-las, (re)planeja-las a fim de encontrar meios que possibilitem a reflexão coletiva, atingindo também assim os (as) educandos (as) instigando-os à transformação, a fim de promover a sensibilização do sujeito, para que o mesmo tenha consciência da sua responsabilidade com o meio ambiente tanto natural, quanto social, proporcionando o equilíbrio entre o sujeito e a natureza, de forma sustentável.

Diante dessas breves explanações apresentadas, notamos a relevância da referida pesquisa no âmbito educacional e social frente ao diálogo argumentativo na sala de aula, e sua possibilidade de ser instaurado como prática didático-pedagógica, principalmente no que diz respeito às aulas de Educação Ambiental, pois sabemos que a mesma promove uma reflexão crítica dos sujeitos engajados nesse diálogo. Dessa forma o objetivo desse trabalho é apresentar resultados sobre a investigação da prática dialógica argumentativa na sala de aula, durante as aulas de Educação Ambiental, mostrando assim a existência e fertilidade desse exercício argumentativo, a fim de contribuir na formação de uma nova era de cidadãos críticos e conscientes de seu papel enquanto seres que interferem no meio ambiente, para que essa interferência passe a ser com responsabilidade e sustentabilidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O diálogo deve ser o princípio norteador da prática didático-pedagógica, da sala de aula favorecendo assim a comunicação entre os educandos (as) e educadores (as), a

fim de favorecer aos que estão envolvidos na oportunidade de expressarem seus pontos de vista, valores, sua visão de mundo. O educador no papel de mediador, ao promover o diálogo instiga o educando a refletir, sobre suas colocações e (re) avalia-las, e neste processo se faz necessário que nesse diálogo sejam postos argumentos que possam sustentar os pontos de vista (ou convergência) que estão sendo colocados. Esses argumentos sendo sólidos pode sinaliza o nível de conhecimento do educando (a), em relação ao que está sendo abordado; ou, sendo os argumentos não sólidos, baseados em hipóteses, pode ser utilizados pelo educador (a), como objeto de pesquisa, ou seja, uma hipótese a ser ou não comprovada.

Neste sentido se faz necessário a presença de um diálogo, que respeite as diferentes formas de percepção do mundo, no que se refere a como se vê e à percepção de estar no mundo, pois o diálogo, segundo Freire “deve ser entendido como essência da educação, como prática da liberdade, como ato de humildade do sujeito frente a outros sujeitos” (1987, p. 54). Para isso, esse diálogo deve favorecer uma reflexão sobre as perspectivas do sujeito a respeito do mundo físico ou social. O educador (a) deve estar preparado para promover situações que proporcionem o diálogo argumentativo, a fim de conduzi-lo de forma que todos (as) se envolvam, com a finalidade de desenvolver a criticidade e o psíquico de todos (as), uma vez que os educandos (as) serão instigados a apresentarem seus pontos de vistas ou suas contradições, participando dessa forma do diálogo.

Portanto a prática didático-pedagógica na sala de aula deve favorecer um diálogo, em que os educandos (as) possam se sentir livre para expor pontos de vista, suas convergência, opiniões, visão de mundo, sem medo de serem restringidos, oprimidos por trazerem em algumas vezes confronto para a sala de aula, instituindo assim um ambiente, neste trabalho especificamente a sala de aula, em que possa levar o sujeito a desenvolver sua criticidade em relação ao mundo, refletindo sobre suas ações no meio ambiente, podendo ser este biológico (fauna e flora), ou social, o qual pode contribuir para mudanças significativas, no âmbito local, regional e mundial.

Neste caminho a argumentação como atividade discursiva, segundo Leitão (apude SANTA-CLARA, 2000) cria uma unidade de análise triádica, composta pelos seguintes elementos: argumento (defesa do ponto de vista), contra-argumento (oposição ou visão diferente ao ponto de vista proposto), e resposta, (a reargumentação, a maneira como reagem ao contra argumento). Neste caso o argumento consiste num conjunto mínimo de ponto de vista e justificativa. No que diz respeito ao contra argumento,

segundo Santa-Clara (2000), é o mecanismo básico de desenvolvimento, uma vez que a oposição a um dado ponto de vista tem o potencial de desencadear o processo de revisão de posições ou crenças, tornando possível para o indivíduo mover-se em direção a novas perspectivas. Acredita-se que a contestação promove no indivíduo processos de reavaliação dessas visões, que possibilitam o processo de uma perspectiva antiga (pré-existente) para uma nova perspectiva, sobre tópico em questão. Finalmente a resposta é definida como a reação imediata ou remota do falante a contra-argumentos levantados, seria o resultado desse processo.

Com isso a perspectiva da Educação Socioambiental, está pautada não só nas questões naturais, como fauna e flora, mas nas questões sociais, econômico-financeira, política e cultural que consistem nos objetivos da sustentabilidade, por isso chamamos de Educação Socioambiental, pois envolve diretamente o sujeito com todas essas questões, e não se restringe apenas a dimensão biológica. Neste viés a educação tem caminhado, a fim de alcançar mudanças significativas pautada nos princípios éticos e morais para sensibilizar e (re)educar o homem, aos seus desejos desenfreios de consumos, sem perceber as consequências que tem gerado, a ele mesmo, às sociedade, às gerações futuras e ao próprio meio ambiente em sua totalidade, sendo este ambiente físico ou social.

As práticas didático-pedagógicas devem favorecer o diálogo na sala de aula, a fim de possibilitar a reflexão dos sujeitos, sobre o meio em que interagem. Este diálogo, muitas vezes é carregado de informações oriundas no contexto em que o sujeito e principalmente os docentes estão inseridos, pois segundo Veiga (1992, p. 16) a prática pedagógica é "... uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social...". Os sujeitos ao chegarem à escola, trazem nas suas bagagens informações que ao encontrarem um ambiente favorável, compartilham, mostrando sua visão de mundo, cabendo ao educador (a) favorecer a troca destas informações, a partir da prática dialógica instigando assim os argumentos que devem alicerçar seus pontos de vista, sendo divergentes ou convergentes, a fim de promover uma reflexão em torno da temática discutida.

Portanto, concordamos com Santa-Clara (em construção) que, o discurso argumentativo no contexto escolar promove a sensibilização do sujeito para que tome consciência do seu papel nas relações com o ambiente podendo ser este natural e social, a fim de promover mudanças significativas de atitudes e comportamentos no cotidiano,

para que assim possa favorecer ao equilíbrio entre o homem a natureza, a fim de alcançarmos o desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória, intencionando investigar a existência do diálogo argumentativo na sala de aula, possibilitando assim, de acordo com Gil, (1991, p.56) uma “maior familiaridade com o tema”. Sendo, pois o diálogo argumentativo, ainda pouco trabalhado nas salas de aula, a pesquisa exploratória, além de proporcionar no que diz Oliveira (2003, p. 32) “uma visão global do fato ou fenômeno estudado”, abre caminho para pesquisas posteriores, uma vez que ao investigarmos a possibilidade da prática dialógica argumentativa, estamos verificando até que ponto a prática didático-pedagógica do(a) educador(a) está possibilitando a expressão dialógica argumentativa da diversidade em sala de aula.

Esse estudo foi realizado em uma escola pública da rede municipal na cidade de São Lourenço da Mata-PE localizada em área de vulnerabilidade social, que atende apenas os(as) educandos(as) do bairro, onde a mesma se localiza. Funcionando a cerca de onze anos, a escola é composta pelo quadro de oito professores, distribuídos no turno diurno (vespertino e matutino).

A escolha do sujeito envolvido nessa pesquisa adotou alguns critérios como: formação, tempo de atuação, e disciplinas que leciona que serão descritos adiante. Trata-se de uma educadora do Ensino Fundamental I, para a qual usaremos o pseudônimo “A”. A referida educadora “A” possui formação em magistério e leciona nas turmas de 4º ano do segundo ciclo, (antiga terceira série), nas seguintes disciplinas: ciências, geografia, matemática. Atua na área de Educação há onze anos, o mesmo tempo em que leciona nesta escola, tendo sido uma das primeiras educadoras neste espaço.

Para a escolha da educadora adotamos os seguintes critérios:

- a) *Formação*, dentro do quadro dos educadores da escola, escolhemos a educadora pois a mesma tem a formação inicial no Normal Médio, (antigo magistério) e atualmente está concluindo o Curso em Pedagogia;

b) *Tempo de atuação*, a referida educadora já leciona há dez anos na mesma escola, na rede municipal de ensino, e anteriormente há cinco anos na rede particular. Ao todo são quinze anos de atuação, sendo entre as outras educadoras a que leciona há mais tempo na mesma escola;

c) *Disciplinas que leciona*, pois segundo a diretora, as disciplinas que vão trabalhar com a Educação Ambiental, são geografia e ciências. Dessa forma, nos foi indicada essa educadora, pois dentro dessas disciplinas, lecionadas por ela, a temática é trabalhada. A partir desse indicativo, todas as referidas aulas foram observadas, filmadas e gravadas, com a finalidade de observarmos de que forma a Educação Ambiental é trabalhada dentro dessas disciplinas; e com que periodicidade a Educação Ambiental é introduzida nessas disciplinas, uma vez que a educadora também afirmou trabalhar esta temática durante todas as aulas.

As técnicas e os instrumentos utilizados para coleta de dados foram observações, filmagens, gravação, e registro de campo das aulas, especificamente de Educação Ambiental. As observações nos permitiram, segundo Oliveira (2003), o registro dos fenômenos da realidade, para se planejarem e sistematizarem os dados que serão coletados. Durante as observações (em números de dez, sendo cinco nas aulas de geografia, e cinco nas aulas de ciências), analisamos a prática docente, no sentido de verificarmos a existência do diálogo argumentativo, nas aulas de Educação Ambiental. Desse modo, as técnicas e instrumentos que foram utilizados, nos deram suporte para verificarmos a presença ou não do diálogo argumentativo e os desdobramentos deste na sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos a partir das análises dos dados, que a inserção do diálogo argumentativo, facilitaria a aquisição do conhecimento por parte do(a) educando(a), como também poder promover a sensibilização e reflexão por todos que estão

envolvidos nele. A partir dos resultados, por meio das transcrições dos dados, observamos que o diálogo que já permeiam a sala de aula, pode ser construtivo quando o mesmo traz argumentos sólidos, ou seja, justificativas com bases em fatos ou dados de cunho científicos, que possam justificar o ponto de vista que está sendo colocado, promovendo assim a reflexão para poder gerar ações significativas e sustentáveis, em relação à temática que está sendo abordada, nos dados coletados a respeito da Educação Ambiental.

O recorte da transcrição a seguir (Quadro 1), diz respeito a da aula de Educação Ambiental, assim denominado pela educadora, onde podemos analisar exatamente o trecho em que o diálogo argumentativo poderia ter sido desenvolvido a partir de argumentos que justificassem seu ponto de vista (no caso da educadora) e o contra-argumento (da educanda). Isso sinaliza a possibilidade de práticas dialógicas argumentativas nas aulas, neste caso especificamente a de Educação Ambiental. Identificamos também a existência do movimento da argumentação, porém em suas respostas não encontramos argumentos que ultrapassasse o conhecimento do senso comum.

Durante a aula da disciplina de ciências, a educadora abordava sobre a relevância de uma alimentação saudável, onde a temática da aula neste dia foi “Alimentos Saudáveis”. A educadora iniciou a aula perguntando: “O que são alimentos saudáveis?”, “quais são eles e por quê são considerados saudáveis?”. Em seguida começou a relatar uma receita de culinária, e citou o peixe como um dos alimentos saudável e como se realizava o seu preparo de modo que garantisse, uma alimentação rica e saudável a saúde, uma vez que o peixe na maioria das vezes são consumidos fritos, o qual devido a utilização do o óleo pode por em risco a saúde. Nos turnos (T51-56), temos exatamente como se procedeu ao diálogo argumentativo entre a educadora (Prof^a) e a educanda (Rosa), com o comentário do observador/pesquisador (O/p).

Quadro 1 Possibilidade do diálogo argumentativo

Turno	Sujeitos	Transcrição	Observação (O/p)	Possível movimento argumentativo (O/p)
(T51)	Prof ^a	Quando agente <u>frita o peixe no óleo</u> , agente tem que tirar logo, para o peixe não absorver o óleo, pois esse óleo não faz bem a saúde.	(a educadora ensina fritar o peixe no óleo e tira-lo imediatamente)	Ponto de vista inicial dado pela educadora (<i>fritar o peixe com óleo</i>); <i>Justificativa/argumento</i> (para o peixe não absorver o óleo, pois esse óleo não faz bem a saúde)
(T 52)	O/p	((UMA ALUNA LEVANTA O BRAÇO, PEDINDO PARA FALAR))		
(T 53)	Rosa	educadora, minha mãe tem uma assadeira daquele que é toda preta por dentro		
(T 54)	Prof ^a	se chama teflon		
(T 55)	Rosa	ela coloca <u>azeite</u> dentro e depois <u>frita o peixe</u> .	(a mãe da aluna fritar o peixe com azeite)	Contra-argumento (algo que se opõe ao ponto de vista inicial - <i>fritar o peixe com azeite</i>)
(T 56)	Prof ^a	mas azeite é bom para <u>comemos cru</u> , na salada o <u>óleo</u> agente <u>frita o peixe e depois coloca no papel, pra ele não absorver o óleo</u> .		Resposta (reorganização do ponto de vista inicial – fritar o peixe com óleo e colocar no papel)

Podemos observar a partir deste quadro, que a educadora inicia, relatando o procedimento do preparo do peixe, e apresenta seu ponto de vista inicial, que ao *fritar o peixe no óleo deve ser tirado logo*, para não absorver o óleo, e logo apresenta a sua justificativa/argumento, pois *o mesmo não faz bem a saúde*. Esse é o ponto de vista inicial, porém ele não traz justificativas convincentes, ou seja, não são usados argumentos com base científica compatível ao conhecimento formal, construído no

ambiente escolar, uma vez que as respostas, ponto de vista, devem ser justificadas, levando assim ao educandos(as) o esclarecimento sobre o assunto abordado, ou seja, o ponto de vista deve ser acompanhado de justificativas baseados em dados, que possam levar aos educandos(as) a formação de conceitos.

Neste exemplo, poderia ter sido explicado pela educadora, questões como: que elementos têm o óleo que não deve ser consumido em grande quantidade; como afetaria a saúde; uma vez afetada, quais os tratamentos; quais as consequências de não retirar o peixe imediatamente do óleo; se for possível à substituição da marca do óleo, pode ser consumido em grande quantidade e por qual motivo? Existe outro meio de preparo em que não se utilize o óleo. São questões que quando levantadas e postas aos educandos(as), podem se tornar problema de pesquisa na sala de aula, para que eles(as) mesmos investiguem, bem como a partir das resposta, é possível verificar o que os(as) educandos(as) sabem a respeito do tema que está sendo abordado e até que ponto os(as) educandos estão refletindo sobre os assuntos que estão sendo levantados.

Durante algumas dessas aulas, em que realizamos a filmagem, podemos constatar o movimento que sinalizavam a argumentação (ponto de vista, contra-argumento e a resposta), porém estes não trazem em suas justificativas elementos que caracterizam efetivamente e que fortaleçam o ponto de vista, o contra-argumento e a resposta, ou seja, o argumento em si. Sinalizando ser possível a introdução de práticas dialógicas argumentativas em sala de aula, porém se faz necessário a efetiva mediação do educador(a), fomentando assim esse exercício, através da presença de argumentos que perpassem o senso comum, principalmente por parte do educador(a), pois são esses argumentos que vão contribuir para a formação de conceitos, para que a partir do ponto de vista que for sendo colocado, da resposta dada pelo educador(a), e do confronto de opiniões, visões de mundo, o educando(a) possam estar construindo conhecimento, formando conceitos sobre o tema discutido.

Podemos concluir que existe a necessidade de formação por parte da educadora, em relação ao diálogo argumentativo para que o mesmo, possa ser instaurado em sua prática didático-pedagógica, pois esta prática pode ser identificada como um meio, que possibilitar a construção do conhecimento, sendo portanto um dos temas a ser introduzido nas formações continuada de educadores(as), a fim de possibilitar a introdução de novas práticas didático-pedagógicas nas salas de aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos dados, podemos verificar a inexistência efetiva de um diálogo argumentativo, identificando fortemente a possibilidade da inserção deste nas aulas de Educação Ambiental, pois desenvolver um diálogo, a partir do ponto de vista que está sendo exposto, é enriquecedor tanto para o educando(a), que terá a oportunidade de expressar seu ponto de vista, quanto para o educador(a), que a partir da colocação do educando(a) poderá verificar o conhecimento que o educando(a) já sabe a respeito do tema que está em questão; estará criando um ambiente de interação, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem, como também poderá refletir criticamente a respeito de sua prática didático-pedagógica, pois é através do ponto de vista que está sendo colocado pelo educando(a), que o educador(a) refletir sobre o que falou para que o educando(a) trouxesse esse ponto de vista. Esse diálogo, uma vez que fosse desenvolvido na perspectiva da argumentação, o que seria possível no exemplo citado, facilitaria a compreensão por parte dos educandos(as) da necessidade de (re)pensar suas ações, para planejar atitudes sustentáveis ao meio ambiente, pois essa temática sempre fazia com que os(as) educando(as) remetesse a sua realidade, trazendo informações, que por vez não eram aproveitados pelo educador(a) no sentido de explorar a informação trazida. A partir da exposição do ponto de vista, pelos(as) educandos(as), seria possível o educador(a) no papel de mediador, favorecer reflexão crítica também por parte dos educandos(as), promovendo assim terem de acordo com Carvalho (2006), a “troca de lente”, facilitando uma transformação socioambiental, baseada na ética para a relação mais justa entre homem-natureza, garantindo o desenvolvimento sustentável.

Percebemos que a promoção do diálogo argumentativo nas atividades didático-pedagógicas corroboraria também para a construção do conhecimento, além de promover uma reflexão acerca dos conteúdos que envolvem as questões ambientais, os quais precisam sensibilizar os educandos(as) no que diz respeito da necessidade de uma nova postura frente às ações no meio ambiente, a fim de promover mudanças nas concepções dos indivíduos. Neste sentido, se faz necessário que o educador(a) esteja preparado para se posicionar diante dos argumentos e das informações trazida pelos educando(as). Neste trabalho foi perceptível que a educadora tinha uma concepção limitada da argumentação, enquanto prática didático-pedagógica, restringindo assim seu uso, pois a compreende como uma forma apenas para o convencimento. Neste caso se faz necessário formações continuadas, que permita ao educador(a) refletir sobre sua

prática didático-pedagógica, instigando a mudança e a quebra de paradigma, como sendo apenas o educador(a), o detentor de todo o conhecimento.

E por fim, diante dessas considerações cabe à escola, mas precisamente ao educador(a), reconhecer a relevância do diálogo especificamente argumentativo, na sala de aula, para ensinar e eleger a argumentação com eixo principal de todas as suas ações didático-pedagógicas. A escola que priorize o argumento sobre a resposta certa, ou errada, pede um educador(a) que traga exemplo e tenha prazer em argumentar; promovendo situações didáticas, de aula e de avaliação, e que promovam o argumento do(a) educando(a). Nesse sentido se faz necessário refletirmos até que ponto o diálogo que estamos promovendo, está atuando como um espaço de interação, onde o(a) educando(a) pode expor seu ponto de vista, ou apenas estamos abrindo espaço para escutar aquele educando(a), que muitas vezes reforça o que estamos dizendo? São questões que podem ser problematizadas, gerando assim um novo campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA L. B.; LEITÃO, S. S. *Protoargumentação em interações diádicas no nível prelingüístico*. In: 14ª JORNADA PIBIC (FACEPE), 2010, Recife. Anais eletrônicos... XIX CONIC. Recife, 2010. Disponível em: <www.revistacirurgiabmf.com/2010/FACEPE/RESUMOS10.pdf>. Acesso em 10 nov. 2013.

CARVALHO, I.C.M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 2ª Ed – São Paulo: Cortez, 2006.

CASTRO, J. L. G. ; LEITÃO, Selma. *Autoargumentação e reflexão na aula de história*. In: Anais eletrônicos... XIX CONIC. Recife, 2010. Disponível em:

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

SANTA-CLARA, A. M. *A constituição dialógico-argumentativa do conhecimento no processo de produção do texto escrito*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2005. 62p. Tese de doutorado.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

OLIVEIRA, G. F.. Reflexividade e diálogo como elementos que possibilitam a formação de professores autônomos e inovadores. In: JÓFILI, Zélia; ALMEIDA, Argus. (org). *Ensino de Biologia, Meio Ambiente e Cidadania: olhares que se cruzam*. Recife: Editora UFRPE, 2009, p 147-156.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

VEIGA, I. P. A. *A prática pedagógica do professor de Didática*. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.